

Mal passou a fase de se preocupar com o que os filhos fazem no mundo digital, a geração sanduíche agora se volta à relação dos pais idosos com a tecnologia. Esse grupo de adultos de meia-idade é aquele “ensanduichado” entre os cuidados com os filhos e com os pais. E que se depara com dilemas novos na sociedade diante do aumento da longevidade e da disseminação dos smartphones, inclusive entre os mais velhos. Esse cenário leva as famílias a se preocuparem com perigos como os golpes, os cassinos online e até o vício em smartphones, que rondam qualquer pessoa hoje em dia, e os idosos em particular. A tecnologia torna-se, portanto, uma camada fundamental do debate sobre como equilibrar o respeito à autonomia dos mais velhos e a necessidade de apoiá-los.

“Muitas famílias acabam tendo de estabelecer um controle parental dos idosos”, diz o psiquiatra Rodrigo Machado, coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria da USP (Universidade de São Paulo).

O controle parental, nesse caso, inverte a sua lógica original, que é a do monitoramento que os pais fazem das atividades online dos filhos crianças e adolescentes, para tentar protegê-los de riscos do uso inapropriado. É um assunto delicado na relação entre os idosos e seus familiares, e, na avaliação de Rodrigo Machado, um profissional da saúde pode ajudar. Tanto para avaliar a necessidade ou não de algum controle parental como para mediar as conversas nas famílias a fim de definir em que momento fazer isso, e como.

“Quando é um idoso mais vulnerável, já apresenta dificuldades visuais, auditivas e, principalmente, tem algum comprometimento cognitivo, costumam recomendar a utilização de aplicativos de controle parental, para os familiares poderem monitorar o que o idoso está utilizando no celular, o tempo de uso etc.”, afirma. “Há ferramentas que implementam barreiras contra os golpes online, por exemplo, que visam muito as pessoas mais velhas. Essa supervisão é importante”, diz.

O psiquiatra diz que é preciso analisar quando o juízo crítico está sendo afetado. Independentemente da idade, a percepção da tecnologia pode seguir afiada. “A minha mãe, por exemplo, tem 72 anos, é médica ativa, trabalha. Se eu falar para ela que eu vou colocar um controle parental no celular dela, ela vai me matar”, brinca o médico. “Ela está na terceira idade, mas obviamente não precisa disso”.

Diálogo como ferramenta

Com ou sem controle parental, o diálogo sobre o uso da tecnologia torna-se essencial nas famílias. Projetos de educação midiática (para desenvolver o senso crítico e uma relação mais saudável com a tecnologia), antes concentrados em crianças e adolescentes, passaram a se voltar aos idosos o governo federal tem, inclusive, uma plataforma que concentra materiais voltados a esse público.

“Existe muita demanda das pessoas mais velhas para entender como utilizar a tecnologia”, diz Kamila Rios, professora do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP, em São Carlos, que tem se dedicado a projetos de pesquisa e de cursos de extensão de tecnologia para idosos.

“Tenho muitos alunos de mestrado e doutorado que estão estudando soluções dirigidas a esse público, como cursos e aplicativos para detectar fake news. As pesquisas apontam que os idosos são os que mais disseminam notícias falsas, não só no Brasil”, lembra a professora, que recentemente elaborou um curso sobre IA para idosos, em parceria com uma aluna de doutorado, Camila Lira.



Cenário de aumento da longevidade leva sociedade a encarar novos desafios em meio ao avanço da IA

Famílias vivem dilema sobre monitorar ou não o celular de idosos

Psiquiatra afirma que é preciso analisar quando o juízo crítico da pessoa está sendo afetado



Divulgação

Diálogo é ferramenta importante não atar mãos de idosos



Tânia Rêgo/Agência Brasil

Plataformas de serviços levam a necessidade do uso do celular

Serviços essenciais

A psicóloga especializada em gerontologia Jeane Silva, que trabalha em projetos sociais com idosos na zona leste de São Paulo, conta que eles cada vez mais procuram auxílio para utilizar os smartphones. “Isso está acontecendo principalmente porque agora precisam acessar no celular serviços essenciais,

como os da plataforma do governo federal [Gov.br]”, diz.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílio 2025, 71% do total de internautas brasileiros com mais de 16 anos utilizaram o Gov.br; no caso dos 60+ foram 53%. Dentre aqueles com mais de 60 anos que não utilizaram o serviço, 73% disseram preferir fazer o

contato pessoalmente, 55% têm preocupação com a segurança de dados e 39% acharam difícil realizar o serviço pela internet.

Jeane reforça a necessidade de alertá-los para os golpes, reiteradamente, inclusive porque os criminosos aprimoram seus métodos.

Por Laura Mattos - Folhapress